

Nobuyoshi Araki e Ren Hang: Reflexões Sobre Estética, Erotismo e Pornografia

Carolina de Almeida Vecchio, Universidade de Brasília

Este artigo busca desenvolver uma reflexão sobre o entrelaçar do erótico e do pornográfico nas obras de dois artistas asiáticos, Nobuyoshi Araki e Ren Hang. Partiremos da distinção feita por Roland Barthes entre a fotografia erótica e pornográfica, para, a partir disso, fazer uma análise imagética de algumas obras fotográficas dos dois artistas. O artigo aprofunda nestes conceitos, colocando-os à luz da teoria estética moderna. Ademais, introduz outros temas que se desdobram a partir da reflexão proposta, como um contraponto feito entre a representação do erótico na arte dos séculos XVII e XVIII da China e do Japão e a censura atual presente nesses países. Ao final, atesta-se à dificuldade de articular uma separação entre a esfera erótica e a pornográfica na obra desses artistas.

Palavras-chave: Nobuyoshi Araki. Ren Hang. Fotografia contemporânea. Erotismo. Pornografia.

*

This article aims to develop a reflection on the interconnection of the erotic and the pornographic in the works of two Asian artists, Nobuyoshi Araki and Ren Hang. A distinction made by Roland Barthes between erotic and pornographic photography is utilized to develop an image analysis of these two artists' artworks. The article elaborates on these concepts, placing them in the light of modern aesthetic theory. Furthermore, it introduces other themes that unfold from the reflection, such as a counterpoint between the representation of the erotic in XVII and XVIII century art in China and Japan and the present censorship in those countries. Lastly, the article concludes by attesting the difficulty to articulate a separation between the erotic and the pornographic in the works of these artists.

Keywords: Nobuyoshi Araki. Ren Hang. Contemporary photography. Eroticism. Pornography.

A arte erótica contemporânea na Ásia, como problematizá-la? O olhar oriental encontra suas motivações em que elementos do erótico e do pornográfico? Instigados por esses questionamentos, buscamos desenvolver uma reflexão sobre a obra do fotógrafo japonês, Nobuyoshi Araki, e do fotógrafo chinês, Ren Hang. Os dois artistas têm produções emblemáticas, que nos levam a pensar o entrelaçamento do erótico e do pornográfico na arte contemporânea. Qual é a importância de se aprofundar na obra destes artistas asiáticos? No ocidente, onde o legado da estética criou uma divisão tão distinta entre o estético e o erótico, e subsequentemente, entre o erótico e o pornográfico, debruçar-se sobre as suas obras poderá enriquecer essa discussão ao trazer outras perspectivas.

Os dois artistas que serão abordados neste artigo têm uma significativa diferença de idade. Nobuyoshi Araki nasceu em 1940, no Japão, e Ren Hang nasceu em 1987, na China. Araki soma mais de cinquenta anos de carreira, inúmeras publicações e exposições; enquanto Hang cumpriu menos de uma década de produção antes de se suicidar, aos 29 anos, em fevereiro de 2017. No entanto, suas temáticas, preocupações artísticas e até mesmo as polêmicas geradas pelos seus trabalhos se entrecruzam. Em adição, Araki é um dos artistas que inspirou Hang em sua jornada produtiva, validando colocar os dois lado a lado nesta breve pesquisa. Além disso, elementos importantes os conectam: ambos foram censurados em seus países natais, mas foram recebidos com estrondoso interesse por museus, galerias e colecionadores do ocidente.

Pretende-se, neste artigo, investigar o erótico e o pornográfico na obra destes dois artistas, a fim de refletir sobre as fronteiras entre estes dois conceitos. Primeiramente, partiremos da distinção entre fotografia erótica e pornográfica, trazida por Roland Barthes. Trataremos desses conceitos a partir da análise imagética de algumas obras de Araki e Hang. A partir disso, comentaremos sobre a instabilidade das fronteiras entre o pornográfico e o erótico nessas obras. Além disso, problematizaremos os conceitos de Barthes à luz da teoria estética moderna para discorrer sobre o fator de instabilidade entre imagens do erótico e pornográfico na arte. A seguir, traremos um breve comentário sobre as filosofias chinesas do confucionismo e taoísmo e suas percepções sobre a sexualidade, sempre voltando à obra dos artistas. Daqui, surge a questão da censura da obra de Hang, principalmente, e de Araki, tanto em seus países, como no ocidente (ainda que mais sutilmente). Concluiremos o artigo afirmando que é dificultoso articular a separação entre os conceitos de erótico e pornográfico nestas produções, especialmente após a análise das imagens perante os conceitos de Barthes.

Nobuyoshi Araki é conhecido pela relação íntima com o ato de criação, fundindo as relações entre modelo e artista, entre autor e personagem; além de sua constante utilização do *kubiko-bi* (arte da amarração japonesa) para atar suas modelos e, por fim, a alusão ao *shunga* (imagens de primavera), provenientes do período Edo, no Japão. O resultado de suas obras é um conjunto de imagens no qual a submissão de suas modelos atadas, a exposição dos corpos nus, por vezes

de forma quase violenta, criam o campo onde se apresentam as fronteiras turvas e as controvérsias que entrelaçam o erótico e a pornografia em seu trabalho.

Ren Hang, por sua vez, investiga o erotismo e a sexualidade de forma distinta à Araki, embora o japonês tenha sido uma de suas principais referências visuais. Sua obra não contém a qualidade arrebatadora e ‘visceral’ percebida na obra do fotógrafo japonês e a sua visualidade parece residir, comumente, nas possibilidades de explorar as formas e diversos encaixes dos corpos humanos – criando uma geometria de corpos e aludindo a conceitos tão caros à história da arte como o duplo e o abjeto, por exemplo (figura 1). O artista Ai Wei Wei acompanhava o trabalho de Hang e comentou sobre o lugar do trabalho fotográfico do jovem, na China:

(...) seus trabalhos refletem a realidade atual da China. As suas imagens têm um vigor jovial, mas também uma parcela do vazio e do superficial – nelas subjaz uma grande melancolia. O trabalho de Hang faz parte da nova fotografia chinesa, que é, simultaneamente, poética e superficial.¹

Dessa forma, as obras de Araki e Hang serão utilizadas para refletir sobre o questionamento: será a produção desses artistas, categorizada tantas vezes por sua obscenidade, arte erótica ou pornográfica? Quais distinções podemos utilizar para responder a este questionamento? De que maneira estes artistas lidam com as questões de representação da sexualidade e como isso pode enriquecer a discussão, hoje tão atual, desse tipo de representação e de sua inserção e, até mesmo de sua censura, em museus e galerias de arte? Como as suas obras suscitam a energia do erótico e do pornográfico – é possível trabalhar com delimitações restritivas entre os dois conceitos? O erótico e o pornográfico podem ter alguma relação com a fruição estética da obra?

É interessante para a nossa reflexão saber como os artistas classificavam a própria produção. Ren Hang descreveu seu trabalho como ‘nudez pornográfica’: “Penso que este termo é mais direto”, disse o artista, “não preciso tentar tornar o trabalho mais fino ao chamá-lo de erótico. Não penso que haja qualquer problema ou que seja de ‘baixo-escalão’ tratá-lo como ‘pornográfico’”.² Araki, quando questionado sobre a relação de seu trabalho com a pornografia, não classificou suas fotografias como ‘pornografia comum’.³ Araki fotografa mulheres ‘fora da norma’, distantes da visão da pornografia japonesa, que busca modelos perfeitas e digitalmente retocadas, e apresenta, assim, uma visão da mulher que não agrada aos homens que estão acostumados com a pornografia usual.⁴ Araki explicou que, quando esses fotógrafos trabalham, eles não tocam nas modelos e que os consumidores dessas imagens não desejam olhar para a realidade do corpo feminino.⁵ Ao ser questionado sobre o seu método e como obtinha acesso

¹ WEI WEI *apud* GENOVA, 2017.

² HANG *apud* BERNHARDSSON, 2012.

³ ARAKI *apud* YI, 2011.

⁴ YI, 2011.

⁵ Araki *apud* YI, 2011.

íntimo às modelos, o artista respondeu que, para isso, tinha relações sexuais com todas as suas modelos; o sexo era preliminar ao trabalho, ou vice-versa.⁶

Mas, afinal, por que tamanha controvérsia nesses trabalhos? As definições de erotismo e pornografia são claras para o público geral? Tanto a obra erótica como a pornográfica causam desconforto aos olhares do observador? Bataille classificou o erotismo como o “problema dos problemas”.⁷ “Para aquele que não pode se esquivar, para aquele cuja vida se abre à exuberância, o erotismo é, por excelência, o problema pessoal. É, ao mesmo tempo, o problema universal”.⁸ Os dois fotógrafos aqui apresentados certamente se debruçaram sobre a imagem que evoca o sexual, tornando o eixo erotismo-pornografia o laboratório de sua criação imagética. Com esse tipo prolífico de produção, surgiram, paralelamente, os questionamentos do público, das instituições e das autoridades sobre a qualidade erótica e pornográfica desses trabalhos.

Algumas diretrizes podem ser trazidas para entender a tensão entre pornografia e o erótico contida nesses trabalhos. Ainda que partam de uma literatura ocidental, essas diretrizes serão os norteadores da nossa reflexão. Quando se trata de investigar a fotografia e a representação da sexualidade, vale lembrar das conexões feitas por Roland Barthes, em seu livro *A Câmara Clara*, entre seus conceitos de *studium* e *punctum*, e a partir deles, do conceito de fotografia unária, a partir do qual Barthes aproveitou para tocar no assunto das delimitações entre a fotografia pornográfica e a erótica.

Nos primeiros capítulos do livro, Barthes, intrigado com seu interesse por certas imagens fotográficas, logo comenta que a fotografia parece ser algo *inclassificável*⁹ e assim se debruçou para entender o que sentia diante das imagens, deixando um legado reflexivo que nos servirá aqui muito bem.

Barthes desdobrou-se sobre os conceitos de *studium* e *punctum*, que o ajudaram a delimitar uma distinção entre os elementos que inserem uma fotografia no âmbito do pornográfico ou do erótico. Vamos lembrar que para ele, o *studium* é “uma espécie de investimento geral, ardoroso, mas sem acuidade particular”¹⁰, e que o *punctum* “parte da cena, como uma flecha, com o qual as fotos são como que pontuadas com esses pontos sensíveis – marcas e feridas que nos pungem, nos ferem e nos mortificam”¹¹. A forma de interpretar a fotografia e aquilo que ela traz à tona dentro de nós, como espectadores, parte, então, dessas sensações de compreender a imagem com um investimento geral, mas sem o desejo de manter-se nela, ou, de ser “pontuado” por algo a mais que nos instiga verdadeiramente, suscitando uma carga emocional inesperada.

⁶ Idem., 2011.

⁷ BATAILLE, 2013, p. 299.

⁸ Idem, ibidem.

⁹ BARTHES, 1984, p.13.

¹⁰ Idem, p.46.

¹¹ Id., ibid.

Diante disso, Barthes introduz o conceito de fotografia unária, que seria engendrado pelo *studium*, “que não é atravessado, fastigado, zebado, por um detalhe, o *punctum*, que me atrai ou me fere (...)”.¹² Veremos que o conceito de fotografia unária nos ajudará a problematizar a nossa reflexão sobre o pornográfico e o erótico nos trabalhos de Araki e Hang.

A fotografia unária, para Barthes, tem “tudo para ser banal, na medida em que a unidade da composição é a primeira regra da retórica vulgar”.¹³ Como exemplo desse tipo de fotografia, Barthes cita a fotografia pornográfica, que:

(...) é sempre uma foto ingênua, sem intenção e sem cálculo. Nada de mais homogêneo do que uma fotografia pornográfica. Como uma vitrine que mostrasse, iluminada, apenas uma única joia, ela é inteiramente constituída pela apresentação de uma única coisa, o sexo: jamais objeto segundo, intempestivo, que venha ocultar pela metade, retardar ou distrair.¹⁴

Que elementos fazem uma fotografia transcender a classificação de unária/pornográfica para entrar no âmbito do erótico? Barthes afirma que a foto erótica é um pornográfico desviado, fissurado.¹⁵ O teórico francês dá o exemplo de Robert Mapplethorpe que “faz seus grandes planos de sexos passarem do pornográfico ao erótico, fotografando de muito perto as malhas da sunga: a foto não é mais unária, já que me interessa pelos grãos do tecido”.¹⁶ Quando se suscita a atenção para esses elementos, os quais Barthes chama de *punctum*, o olhar afasta-se dessa leitura unidimensional resultante da fotografia unária e chega, segundo Barthes, a um ponto cego, que para ele é o que distingue a foto erótica da pornográfica:

A pornografia representa, costumeiramente, o sexo, faz dele um objeto imóvel (um fetiche), incensado como um deus que não sai de seu nicho; para mim não há *punctum* algum na imagem pornográfica; quando muito ela me diverte (e ainda: o tédio surge rapidamente). A foto erótica, ao contrário (o que é a sua própria condição), não faz do sexo um objeto central; ela pode muito bem não mostrá-lo; ela leva o espectador para fora de seu enquadramento, e é nisso que essa foto me anima e eu a animo. O *punctum* é, portanto, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver: não somente para o “resto” da nudez, não somente para o fantasma de uma prática, mas para a excelência absoluta de um ser, alma e corpo intrincados (...) a foto me induz a distinguir o desejo pesado, o da pornografia, do desejo leve, do desejo bom, o do erotismo (...).¹⁷

¹² BARTHES, 1984, p. 65.

¹³ Idem, p. 66.

¹⁴ Idem, p. 67.

¹⁵ Idem, p.88.

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem, pp. 88-89.

Pode-se argumentar, segundo estes conceitos apresentados, que as fotografias produzidas por Araki e publicadas, nos anos 1980, no livro *Tokyo Lucky Hole* (Figura 1), sejam detentoras desse elemento unidimensional do qual explana Barthes, na fotografia unária, e que assim, as colocam na categoria de fotografias pornográficas. Araki passou vários meses frequentando casas noturnas e registrando as mulheres que lá trabalhavam. Essas fotos carregam em si a qualidade de registros, e embora haja alguns elementos (como o urso de pelúcia nas fotos da esquerda) inseridos para criar pontos de interesse na imagem, o que sobressai é o ‘objeto imóvel’, o fetiche citado por Barthes.



Figura 1. Nobuyoshi Araki, *Tokyo Lucky Hole*, década de 1980.

Inversamente, pode-se constatar que a *Geisha com Melancia* (Figura 2) apresenta elementos multidimensionais e consegue erotizar algo que, de início, poderia não ser colocado nessa categoria. A riqueza de elementos composicionais se mostra com os ‘pontos sensíveis’, o *punctum* de Barthes. Diferentemente das imagens de *Tokyo Lucky Hole*, esta imagem nos faz passear pelas texturas, fazendo com que o olhar perdue a explorar as diversas qualidades da obra.

No entanto, o que fazer com as figuras 3 e 4, obras de Araki e Hang? Muitos que classificam a obra de Araki como obscena poderiam trazer a atenção a uma aparente violência e submissão da modelo. Todavia, elementos da composição transformam esta imagem em um turbilhão de texturas e de movimento, no qual o olhar passeia com curiosidade: o fundo azulado e suas formas geométricas contrastando com a corda que imobiliza parte do corpo da modelo, o seu kimono de seda, o corpo e os cabelos em movimento. Na fotografia de Hang, a sua proposta traz consigo algo inerentemente pornográfico para o olhar comum, mas traz, em adição, elementos que saltam aos olhos – a sombra da mão sobre o corpo nu da modelo, a postura curvada e a reflexão simétrica da sua sombra, o

vermelho que reflete a paisagem e a luz do sol - os tais pontos sensíveis do *punctum* de Barthes. Aqui, nestes exemplos, as delimitações entre os conceitos se diluem – passamos entre o erótico e o pornográfico, entre o obsceno e o artístico. A tensão entre o erótico e o pornográfico resultaria, então, da impossibilidade de mensurar e separar um do outro totalmente – as fronteiras criadas dependerão muito mais de quem vê do que de quem produziu a obra.



Figura 2. Nobuyoshi Araki. Fotografia. Geisha com Melancia, 1992.

De fato, temos que lembrar que o raciocínio de Barthes remete à linha de pensamento que foi construída a partir da teoria estética moderna, que criou uma clara divisão entre o prazer estético e o prazer sensual, colocando em

evidência o prazer desinteressado como real prazer estético, que não depende ou não gera um desejo pelo objeto revelado. Esse constructo de que o estético e o erótico são fundamentalmente incompatíveis influenciou os séculos seguintes e ainda hoje pode ser sentido. Temos exemplos na filosofia recente, como, por instância, o filósofo canadense Mohan Matthen, que, em 2009, observou que quanto maior o valor erótico de uma obra, mais difícil se é de apreciá-la esteticamente.¹⁸ Ao elaborar os conceitos de fotografia pornográfica e erótica, Barthes se aproxima de uma divisão racional como essa iniciada no século XVIII, descartando a possibilidade de que os dois conceitos pudessem estar permeados em uma mesma obra. Immanuel Kant, no entanto, parece-nos dar uma pista importante. O filósofo observou que, o fato de o julgamento estético não ser pautado em interesses, mas, sim, em condições de cognição compartilhadas por todos os seres racionais, é que lhe outorga a sua universalidade.¹⁹ Contrariamente, o prazer solicitado pela arte erótica, segundo Kant, não pode ser pautado nessa universalidade do prazer estético, pois depende das preferências e inclinações sexuais de cada indivíduo.²⁰ Aqui, então, encontramos a raiz do nosso problema. Cada imagem irá impactar o observador de acordo com suas preferências, vivências, sistema de crenças religiosas e sociais etc. e não pode ser inteiramente avaliada de acordo com um preceito racional que crie essa divisão distinta, de fronteiras completamente resolvidas e demarcadas. Atualmente, a arte erótica, no âmbito da filosofia, se encontra em um papel mais apaziguado dentro da estética - “poucos filósofos hoje, negarão a existência e a legitimidade estética dessa arte”.²¹ Não obstante, a forte resistência que se alocava à aceitação da arte erótica no domínio da estética, deslocou-se para a questão da pornografia e da arte pornográfica: muitos filósofos da arte negam que há ou pode haver algo que seja classificável como arte pornográfica.²² Aqui mais uma vez, vemos aquela divisa racional, na qual entrecruzamentos não parecem possíveis - repetindo, assim, a mesma imposição de limites que, anteriormente, era feita entre a estética e o erótico. Para entender melhor as distinções feitas entre o pornográfico e o erótico feitas por alguns filósofos contemporâneos, SCRUTON²³ distingue o pornográfico como aquela representação explícita sexualmente e rica em detalhes anatômicos, enquanto a arte erótica foca em certas partes do corpo e tenta capturar a individualidade, personalidade e subjetividade da pessoa representada. Notemos que essa definição entre arte erótica e pornografia é muito similar às distinções que Barthes fez entre a fotografia erótica e a pornográfica.

¹⁸ MATTHEN *apud* MAES, 2016.

¹⁹ KANT *apud* MAES, 2016.

²⁰ Idem, *Ibidem*.

²¹ MAES, 2016.

²² Idem, *Ibidem*.

²³ SCRUTON *apud* MAES, 2016.



Figuras 3 e 4. Nobuyoshi Araki e Ren Hang. Fotografias. s/d.

Continuando a nossa análise sobre as delimitações entre o erótico e o pornográfico na obra destes artistas, ao selecionarmos outra fotografia como exemplo (figura 6), essas divisas continuam incertas. Temos aqui duas informações que podem nos ajudar. A primeira é um trecho da entrevista feita com Araki, na qual o artista comenta a insatisfação de seus amigos e conhecidos de não conseguirem se masturbar utilizando as suas obras.²⁴ Para ele, expor a verdade do sexo e dos corpos atrairia as pessoas, o que não acontece com o seu trabalho, pois, em geral, essas mesmas pessoas estão acostumadas à pornografia japonesa comum, que preza por corpos perfeitos e digitalmente retocados.²⁵ Ora, o filósofo contemporâneo, Levinson²⁶, afirma que:

Os objetivos da verdadeira pornografia e os objetivos da arte, arte erótica incluída, não são compatíveis, mas batalham entre si (...). A primeira induz o observador, em nome da excitação e da liberação, a ignorar a representação para que se obtenha aquilo que é representado; a segunda induz, em nome do deleite estético, a que se permaneça na representação.

Temos, mais uma vez, um filósofo que categoriza o erótico e o pornográfico como incompatíveis. Se nos ativermos à figura 5, podemos talvez entender o ‘problema’ apresentado pelos amigos e conhecidos de Araki. Embora a fotografia apresente elementos que poderíamos classificar como dignos de uma composição pornográfica, ela não deixa de apresentar o *punctum* do qual frisa Barthes, e talvez, por isso, não consiga instigar a sensação que levaria a ‘ignorar a representação’ em prol de um excitação que busca obter o que está representado. Há mais aqui nesta foto do que meramente o pornográfico.

²⁴ ARAKI *apud* YI, 2011.

²⁵ ARAKI *apud* YI, 2011.

²⁶ LEVINSON *apud* MAES, 2016.

A obra de Araki tem sido, ao longo dos anos, relacionada ao *shunga* (imagens de primavera): obras xilográficas, no estilo ukiyo-e, que representam cenas eróticas e foram populares no Japão, entre o século XVII e o final do século XIX. Hoppen²⁷ descreve as obras do estilo *shunga* como extremamente explícitas, ademais, afirma que são muito mais explícitas que as obras de Araki, mas, dado que séculos se passaram desde sua execução, elas se tornaram artefatos históricos, ao invés de serem consideradas como meramente pornográficas.²⁸



Figura 6. Katsukawa Shuncho. O fio dos encontros amorosos do dia de hoje, 1786.

Ao ser questionado sobre o valor artístico do *shunga*, o diretor do núcleo de arte japonesa do *British Museum*, Tim Clark, afirma que esses trabalhos são, claramente, obras de arte:

Devemos lembrar que, no ocidente, construímos essa noção de que a arte e a pornografia estão separadas, que há uma divisa entre as duas. *Shunga* é uma equação completamente distinta – é, ao mesmo tempo, explícita sexualmente e artisticamente muito sofisticada. Esta é uma equação da qual não estamos acostumados.²⁹

A figura 6 mostra a mesma sofisticação artística com a qual são descritas as obras do estilo *shunga*.

²⁷ HOPPEN apud MOSHAKIS, 2013.

²⁸ Idem, Ibidem.

²⁹ CLARK apud MOSHAKIS, 2013.

Na China também encontramos essa riqueza de representações eróticas na arte até o início do século XIX. A arte erótica, no entanto, foi banida do país após a tomada de poder do partido comunista, em 1949, e, ainda hoje, é considerada pornografia e proibida no país.³⁰ A cultura antiga chinesa, que era pautada na filosofia confucionista e no taoísmo, entendia o sexo como vital para a saúde do homem e da mulher. Desse modo, livros que tratavam sobre a arte da alcova, verdadeiros manuais taoístas sobre as relações sexuais, dispunham de diretrizes para se alcançar o equilíbrio entre as forças *yin* e *yang* durante o ato sexual, e, portanto, eram classificados como literatura médica em seus compêndios.³¹

Os dois países e suas antigas dinastias aceitavam com facilidade o erótico como parte de sua arte e de sua sociedade. Não que o trabalho de Ren Hang pareça conter alguma conexão com esses trabalhos, como pode ser visto nas fotografias de Araki em sua relação ao *shunga*. No entanto, isso nos traz ao tema da censura na obra dos dois artistas, que é indissociável de suas carreiras. Se, depois de 50 anos de opressão, tem havido, recentemente, um maior interesse sobre a sexualidade, na China³², os órgãos governamentais ainda acionam duramente suas políticas de censura na obra de artistas, como fizeram tantas vezes com Ren Hang. Embora Nobuyoshi Araki tenha também sentido as consequências da censura sobre sua obra no Japão, nos centraremos em Hang para apresentar este tópico.

A censura da arte na China tem sido exposta, muitas vezes, pelo artista e 'ativista', Ai Wei Wei. Em 2017, condenou fortemente o seu país por impor uma "escravidão ideológica".³³ Para Ai Wei Wei:

(...) nesse tipo de sistema, no qual obras de arte obtêm sucesso ou são condenadas, não por uma livre competição, mas por critérios corruptos, qualquer artista que tenha uma vitalidade genuína deve agir na ignorância e concordar com as premissas do governo.³⁴

Ren Hang conheceu bem as imposições da censura em seu país. Suas obras, no entanto, certamente causavam problemas se expostas em público. Seu trabalho sofreu não só sob a intimidação de certa parcela do público, que, por exemplo, cuspiam nas molduras, mas também das autoridades governamentais, que danificavam suas obras quando expostas, ou as confiscavam, chegando mesmo a ter encarcerado o artista, alegando a propagação de imagens de conteúdo pornográfico, considerada um crime no país.³⁵

Ren Hang não via seu trabalho como tabu e não pensava nos contextos cultural e político; para ele, essas fronteiras não eram cruzadas intencionalmente – ele

³⁰ BERTHOLET, 2018.

³¹ SHUSTERMAN, 2007.

³² BERTHOLET, 2018.

³³ WEI WEI, 2017.

³⁴ Idem, Ibidem.

³⁵ CABOS, 2017.

fazia o que tinha vontade de fazer.³⁶ Não obstante, Hang aprendeu a lidar com as restrições impostas pela censura. Suas fotos, ele revelava e digitalizava em estúdios particulares para evitar acusações de obscenidade.³⁷ O artista esclareceu, em adição, que, como as publicações independentes são proibidas no país (ele publicou vários catálogos de forma independente), Hang imprimiu suas publicações em sigilo no meio das madrugadas, e com a ajuda de um amigo - que corria o risco de ter suas impressoras confiscadas pelo governo.³⁸ Quando Hang começou a expor no ocidente, em 2011, ele esperava, finalmente, ter mais liberdade para expor sua produção fotográfica. No entanto, o artista se surpreendeu ao deparar com restrições também nas instituições da região. Quando se tratavam de museus, Hang era sempre orientado a mostrar obras 'sem mamilos e sem teor sexual'; os curadores dessas instituições afirmavam que, por serem órgãos públicos, era necessário impor essas restrições e que Hang poderia encontrar mais liberdade em galerias de arte privadas e mais liberais.³⁹

Estudar a obra destes dois artistas do Japão e da China nos deu a oportunidade de aprofundar as questões do erótico e do pornográfico na fotografia, e, principalmente, de entender que, por mais que tentemos delimitar os espaços pertencentes a um conceito ou ao outro, essas delimitações se diluem e podem se permear. Desse modo, apesar dos conceitos de Barthes terem auxiliado na leitura das imagens, eles se provaram instáveis. Posto isso, qualificar uma fotografia dentro dos domínios do erótico ou do pornográfico, depende, talvez, em primeiro lugar, como avisou Kant, das preferências e vivências pessoais do observador. Ao passo em que os conceitos de Roland Barthes nos ajudaram a entender o que poderiam ser as características gerais do erótico e do pornográfico, ao mesmo tempo, revelaram a instabilidade dessas fronteiras que desejam ser tão racionais. Apesar de, tanto Araki como Hang, classificarem suas obras como pornográficas, observamos que, essa classificação é reducionista no sentido de que, o que se apresenta em muitos dos trabalhos incita uma riqueza representacional maior do que aquilo que encontramos em uma simples imagem pornográfica. Com suas imensas e antigas tradições imagéticas do erótico, vimos como a censura atual afeta a produção de um artista. Em suma, a reflexão sobre a produção imagética de Araki e Hang visou mostrar o quanto as delimitações entre o erótico e o pornográfico são inconstantes, e que, não obstante, podemos buscar pontos sensíveis que nos saltam aos olhos, tornando aquilo que poderia ser uma mera imagem obscena em um percurso para o olhar – uma obra de arte.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

³⁶ HANG apud BERNHARDSSON, 2012.

³⁷ HANG apud BERNHARDSSON, 2012.

³⁸ HANG apud BERNHARDSSON, 2012.

³⁹ BERNHARDSSON, 2012.

- BERNHARDSSON, Erik. *In conversation with Ren Hang*. Vantage Magazine. 2012. Disponível em:
<<https://medium.com/vantage/ren-hang-2012-eccbf96b136c>>
- BERTHOLET, Ferry. *Chinese Erotic Art*. 2018. Disponível em:
<<https://www.chineseeroticart.org/#art>>
- CABOS, Marine. *Ren Hang: Obituary*. Photography of China Journal. 25 de Fevereiro de 2017. Disponível em:
<<http://photographyofchina.com/blog/ren-hang-obituary>>
- GENOVA, Alexandra. *Ai Wei Wei reflects on the sadness of Ren Hang's photographs*. Time Magazine. Março 2017. Disponível em:
<<http://www.time.com/4688548/ai-weiwei-ren-hang/>>
- HANG, Ren apud BERNHARDSSON, Erik. *In conversation with Ren Hang*. Vantage Magazine. 2012. Disponível em:
<<https://medium.com/vantage/ren-hang-2012-eccbf96b136c>>
- MAES, Hans. *Erotic Art*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2016/entries/erotic-art/>>
- MOSHAKIS, Alex. *Is Nobuyoshi Araki's photography art or porn?* The Guardian, Maio 2013. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/artanddesign/2013/may/08/nobuyoshi-araki-photography-art-porn>>
- SHUSTERMAN, Richard. *Asian Ars Erotica and the Question of Sexual Aesthetics*. The Journal of Aesthetics and Art Criticism. Vol. 65, N. 1, *Global Theories of the Arts and Aesthetics* (Winter, 2007), pp. 55-68.
- WEI WEI, Ai. *How Censorship Works*. The New York Times, Maio, 2017. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2017/05/06/opinion/sunday/ai-weiwei-how-censorship-works.html>>
- YI, Hiewon. *Crossing Boundaries: An Interview with Nobuyoshi Araki*. Trans Asia Photography Review. Volume 1, No. 2. Primavera 2011. Disponível em:
<<https://quod.lib.umich.edu/t/tap/7977573.0001.205/--crossing-boundaries-an-interview-with-nobuyoshi-araki?rgn=main;view=fulltext>>